



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção da lei que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais

Palácio do Planalto, 24 de julho de 2006

Meu querido companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido Guedes, ministro da Agricultura,

Querido companheiro Patrus Ananias,

Querido companheiro Dulci,

Tarso Genro,

Meu querido sempre ministro José Graziano, que nos visita aqui, numa passagem, certamente para nos trazer mais trabalho,

Meus companheiros deputados Assis do Couto, Orlando Desconsi e Pimentel,

Meu caro Rolf, presidente do Incra,

Meu querido companheiro Torteli,

Meu querido companheiro Manoel dos Santos,

Meu caro Márcio Lopes, presidente da OECD,

Meus companheiros trabalhadores, trabalhadoras,

Eu penso que mais do que a sanção de uma lei, é importante que tenhamos a compreensão de que nós estamos fazendo o reconhecimento de alguns milhões de homens e mulheres que, ao longo de tantos e tantos anos, produzem alguma coisa que nós comemos e que, muitas vezes, não estavam no calendário das decodificações profissionais neste país e que, cada vez que tínhamos que discutir o financiamento, tínhamos, meu querido Chico do



Consea, que fazer um decreto especial para poder liberar dinheiro, para fazer a concessão do Pronaf. E, hoje, nós estamos aqui, dizendo que não apenas vocês existem, mas que nós reconhecemos em lei que vocês existem e reconhecemos porque sabemos a importância da agricultura familiar para o nosso País.

Eu, durante muito tempo, tive inquietações, o Bianchini é testemunha. Ainda no tempo das caravanas, eu perguntava para o Bianchini quando era que íamos diminuir o número de pessoas que deixavam o campo para ir para a cidade. E a verdade é que, segundo o IBGE, tem diminuído o número de pessoas que tem deixado o campo. Pelo contrário, tem aumentado o número de pessoas trabalhando no campo, sobretudo na agricultura familiar, numa demonstração de que aconteceu uma coisa que todo mundo queria que acontecesse.

Na medida em que você tem terra, na medida em que você tem o crédito, na medida em que você tem parte da garantia da compra dos produtos que você produz, na medida em que você tem assistência técnica, na medida em que você tem luz na sua terra, as pessoas começam a se perguntar: “para que, então, eu ir morar na periferia de Porto Alegre, de São Paulo, de Curitiba, de Florianópolis, de Belo Horizonte, de Salvador, de Recife, de Fortaleza”? As pessoas falam: “eu prefiro viver na minha tranquilidade, aqui eu convivo com uma tranquilidade, com uma segurança que, certamente, eu não tenho numa grande cidade”. E, ainda mais, se garantirmos que as crianças tenham direito à escola, que as mulheres tenham mais facilidade à saúde, então é o melhor dos mundos que a gente pode criar para a pessoa conviver no campo.

E eu acho que é isso que está acontecendo aqui. Eu acho que nesses 43 meses de governo, certamente toda vez que olharmos, vamos perceber que na nossa caminhada de vida sempre faltará um passo a ser dado, às vezes dois, às vezes até 50 passos. Mas o dado concreto é que pela organização de vocês, pela persistência de vocês, pelas caminhadas de vocês e pela sensatez



que o governo adotou, na relação com vocês, nós temos dado passos extremamente gratificantes nessa relação com os trabalhadores do campo e, sobretudo, com a agricultura familiar. Os avanços são inconteste. Vai faltar alguma coisa? Vai e, certamente, sempre que houver uma conquista, haverá uma nova conquista pela frente. Assim – diriam os mais antigos – caminha a humanidade.

Cada passo que nós conquistarmos, nós viremos a descobrir que tem mais uma coisinha que poderia ser feita, que tem mais uma coisinha que poderia aperfeiçoar. E Deus queira que seja assim a vida inteira, porque não terá nada pior do que o dia em que a gente acordar e a gente chegar à conclusão de que não tem nada para pedir para ninguém, não tem nada para reivindicar, não tem nada para reclamar, aí começaremos a dizer que estamos morrendo de tédio, porque a vida perde um pouco o sentido.

Então, eu acho que essa Lei coroa esses 42, 43 meses de relações institucionais, porque a nossa relação é de antes de estarmos no governo. E acho mais importante ainda a gente ter em conta que outros passos podem ser dados, Tortelli, Manoel Serra. Há uma coisa que nós fizemos aqui nesse Salão, que foi o Decreto permitindo que as pessoas pudessem comercializar os seus produtos em outras cidades. O Decreto foi feito e depois precisávamos regulamentar. Na regulamentação – eu espero que amanhã o Guilherme e o Guedes resolvam, definitivamente, porque não são nem vocês que estão mais inquietos, sou eu que estou inquieto agora – nós temos alguns probleminhas que parecem fáceis de ser resolvidos, mas que são difíceis.

Em primeiro lugar, o governo tem que estar preocupado em garantir que a pessoa que recebe o produto na sua casa, que compra um produto, que tenha um produto de qualidade, saudável, que não permita que amanhã o governo seja acusado de que alguém comprou um produto que não estava bem-feito, que não estava bem cuidado do ponto de vista sanitário e que, portanto, nós tivemos problemas. Nós precisamos, então, cuidar. O primeiro



passo é que o consumidor precisa receber esse... seja o salame, seja a lingüiça, seja qualquer coisa, o queijo, o mel, o que for produzido, nós temos que ter a certeza de que vai passar por um processo de fiscalização que permita que o consumidor tenha um produto de primeiríssima qualidade, e que a gente possa, tanto utilizá-lo aqui no Brasil, como permitir que um alemão, que um suíço, que um sueco, que um francês, que um americano possa comer, sabendo que está comendo uma coisa altamente saudável.

A segunda coisa é que nós do governo precisamos levar em conta se essa regulamentação será para facilitar a vida das pessoas que produzem, ou nós vamos dar um tratamento tão exigente que terminará dificultando as pessoas pequenas a criarem o seu mecanismo de produção. Então, vocês percebem que tem um imbróglio aí no meio, ou seja, porque tem gente que fala: “não, eu sou pequeno, eu não preciso dessas qualidades todas, eu não preciso colocar azulejo, eu não preciso colocar um piso tal”. Quando, na verdade, precisa colocar. O problema, então, não é que não precisa, o problema é que nós precisamos cuidar de como financiar para que a pessoa possa ter as coisas o mais bem-arrumadas possível, para que o produto saia da maior qualidade possível, e para que o consumidor possa comprar as coisas com a garantia total que nós precisamos.

Amanhã, certamente, o Guilherme e o Guedes vão resolver isso. Quem sabe depois de amanhã já estejam anunciando para vocês, para que a gente possa fazer transitar pelo território nacional os produtos fabricados pela agricultura familiar, chegar no supermercado, no shopping, nas feiras livres, e aí nós vamos precisar de um outro componente, que é fazer com que os prefeitos assumam a responsabilidade, porque terão que fazer parcerias com o Ministério da Agricultura; que os estados assumam a responsabilidade, porque aí vocês vão ter que fazer pressão, a boa pressão em cima dos prefeitos para que eles montem a equipe que vai cuidar da questão sanitária do produto que vocês querem produzir.



Eu acho que, resolvido isso, nós poderíamos dizer para vocês: nós terminaremos este ano com a consciência tranqüila de que nós não fizemos tudo que a agricultura familiar precisava, mas que fizemos muito mais do que muita gente esperava neste País. Eu tenho certeza, Tortelli, Mané, companheiros da Via Campesina que, em algum momento, vocês acordaram pensando que a relação de vocês seria muito mais difícil do que ela foi. Na verdade, vocês, nesses quatro anos, não encontraram obstáculo dentro do governo, vocês não encontraram, por parte dos Ministérios, nenhum que não se dispusesse a atender vocês e, muitas vezes, se não atende é porque não é fácil atender tudo o que a gente deseja, vocês compreenderam a correlação de força dentro do Congresso Nacional que nem sempre a gente pode fazer aquilo que a gente tem vontade de fazer e, às vezes, até um bom projeto pode ser perdido, se ele for derrotado no momento certo. Na semana passada mesmo, eu dizia para o Manoel: nós mandamos a prorrogação da questão da aposentadoria do assalariado no campo, porque o projeto não ia ser votado. Então, nós fizemos uma medida provisória, fazendo a prorrogação por mais dois anos, para ver se nesses dois anos o Congresso Nacional consegue elaborar a lei que possa dar tranqüilidade a todos vocês.

No mais, eu quero agradecer a vocês, agradecer pelo comportamento que tiveram até agora, pela relação que vocês tiveram com o governo, que foi extremamente saudável, dando demonstração de que a democracia não faz mal a ninguém, dando demonstração de que a relação democrática, mesmo quando tem divergência, é altamente saudável para a construção e para a formação política das pessoas. Vocês podem ficar certos de que, em nenhum momento, por mais tenso que tenham sido alguns momentos de relação do governo com vocês, nós perdemos a esperança de que poderíamos dar o passo certo no dia seguinte; em nenhum momento nós vimos vocês como empecilho para que a gente pudesse fazer as coisas que estão sendo feitas.



E a tendência é cada dia melhorar, porque a cada dia estamos aprendendo mais, cada dia vocês vão ficar mais sofisticados, cada dia vocês vão reivindicar um pouco mais, cada dia vocês vão querer... É assim mesmo, e nós sabemos disso porque saímos disso, nós surgimos nesse Movimento, então nós temos clara compreensão do que são as reivindicações. Nós temos um grupo de empresários do setor rural que também faz as mesmas críticas, e faz a crítica para o outro lado, não critica a mim, critica o governo como um todo – critica a mim, criticava o Roberto Rodrigues – que nós também temos que perceber que faz parte do jogo político, senão nós não construiríamos a democracia. Muitas vezes nós ficamos chateados, mas eu penso que isso vai consolidando a maturidade democrática do Brasil. Não pensem que é importante para um governo apenas participar de bons momentos. Às vezes nós temos que participar de momentos que não são tão bons, para saber que nem toda a sociedade está pensando de acordo com o governo.

Então, eu quero dar os parabéns a vocês e dizer que o significado da agricultura familiar é muito importante, e eu volto a repetir aqui: ela não é incompatível com a agricultura empresarial. Feliz do Brasil que tem dois poderes extraordinários de produção no campo como nós temos, e nós queremos é que a agricultura familiar se torne cada vez mais moderna, que cada vez mais as pessoas precisem fazer menos esforço físico, ganhar um pouco mais de dinheiro, porque é isso que vai fazer com que a tecnologia chegue a vocês. Esse é um próximo passo, não pensem que vocês vão ficar a vida inteira produzindo o que produzem hoje. Cada conquista tecnológica tem que chegar a vocês, e temos que trabalhar para isso. Aí, vocês vão perceber que vão ficar menos tempo expostos ao sol e, no final do ano, vão ganhar um pouquinho mais porque a tecnologia ajudou vocês a ganharem um pouco mais. Eu acho que, portanto, o que vocês representam, já foi dito aqui, os trabalhadores da agricultura familiar representam, praticamente, a produção de 84% da mandioca, 67% do feijão, 58% do suíno, 54% da bovinocultura e do



leite, 49% do milho, 40% das aves e ovos, 32% da soja, entre outras coisas que vocês, muitas vezes, nem sabem que produzem tanto como produzem.

Esses dias, quero dizer para vocês que fiquei extremamente feliz com o Ato que participamos, em Chapecó, da construção das casas para os trabalhadores rurais. É um modelo que nós teremos imenso prazer em estender para outros setores, uma casa com cara de campo, porque se começou a fazer casas como se fossem casinhas do BNH na periferia dos grandes centros, e eu dizia: como é possível uma casa no campo sem uma varandinha? Tem que ter a varandinha e tem que ter o fogão a lenha por que, também, quem é que vive sem um fogãozinho de lenha, para esquentar os pés?

Então, meus companheiros, meus parabéns. Eu acho que nós, aqui, estamos apenas cumprindo uma demanda que a sociedade nos impõe. O Congresso Nacional agiu da forma, eu diria, mais extraordinária possível, ou seja, a questão ideológica não foi tão forte dessa vez, mas eu acho que é um tento importante. E quero dizer para vocês que eu concordo com os que falaram que não terminaram as nossas pendengas, as nossas labutas. Temos muita coisa pela frente, muita coisa. E Deus queira que vocês nunca parem de reivindicar para que a gente nunca pare de atender, porque senão será ruim para vocês e ruim para nós.

Parabéns aos trabalhadores. Parabéns às trabalhadoras. E parabéns aos seus representantes.